

Princípios da construção textual do sentido – linguística textual



**FLCo285 - TEORIAS DO TEXTO -
ENUNCIÇÃO, DISCURSO E TEXTO
PROFA. SHEILA VIEIRA DE CAMARGO
GRILLO**

Texto e coerência – 1 Momento da Linguística Textual



- **Texto** – “uma sequência coerente de enunciados” (KOCH, 2006)
- **Coerência** - os elementos subjacentes à superfície textual que entram em uma configuração veiculadora de sentidos, ou seja, a coerência era tomada em uma acepção sintático-semântica.

Perspectiva sociointeracionista



- **Texto** - unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão. (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 10)
- **Coerência** - é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global. (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 10)

Coesão



“a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual. Ao contrário da coerência, que é subjacente, a coesão é explicitamente revelada através de marcas lingüísticas.” (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 40).

Koch/Travaglia (1992) analisam que a coesão pode auxiliar, mas não é condição necessária para o cálculo do sentido do texto.

Exemplo – relação coesão/coerência

O Show

O cartaz

O desejo

O pai

O dinheiro

O ingresso

O dia

A preparação

A ida

O estádio

A multidão

A expectativa

A música

A vibração

A participação

O fim

A volta

Vazio

(apud, KOCH/TRAVAGLIA,
1992, p. 12)

Relação coesão/coerência: explicitação da ordenação/localização temporal



- **Show**
- Sexta-feira Raul viu um cartaz anunciando um show de Milton Nascimento para a próxima terça-feira, dia 04/04/89, às 21h, no ginásio do Uberlândia Tênis Clube na Getúlio Vargas. Por ser fã do cantor, ficou com muita vontade de assistir à apresentação. Chegando em casa, falou com o pai que lhe deu dinheiro para comprar o ingresso. Na terça-feira, dia do show, Raul preparou-se, escolhendo uma roupa com que ficasse mais à vontade durante o evento. Foi para o UTC com um grupo de amigos. Lá havia uma multidão em grande expectativa aguardando o início do espetáculo, que começou com meia hora de atraso. Mas valeu a pena: a música era da melhor qualidade, fazendo todos vibrarem e participarem do show. Após o final, Raul voltou para casa com um vazio no peito pela ausência de todo aquele som, de toda aquela alegria contagiante. (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 13)

Coesão referencial



- Aquela em que um componente da superfície textual faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. (KOCH, 1991, P. 30)

Exemplos:

A gravata do uniforme de Paulo está velha e surrada. **A minha** é novinha em folha.

No quintal, as crianças brincavam. O prédio vizinho estava em construção. Os carros passavam buzinando. **Tudo isto (retoma o contexto precedente)** tirava-me a concentração.



- Remissão para trás – **anáfora**

Num belo dia de sol, tudo tranquilo. Estava no ônibus, **quando** entrou **um pastor** querendo pregar a palavra de Deus para as pessoas. **Ele** começou a pregar, falar alto e um rapaz que estava dentro do ônibus não gostou da atitude do pastor. (narrativa 1º ano ensino médio)

- Remissão para frente – **catáfora**

Ele era tão bom, **o meu marido!**

Coesão sequencial



- Procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas , à medida que se faz o texto progredir. (Koch, 1991, p. 49)

CONEXÃO

Toda a equipe jogou desentrosada. **Portanto/logo** o novo atacante não poderia mesmo ter mostrado o seu bom futebol. (**Conclusão**)

Gosto muito de esporte. **Mas** luta-livre, faça-me o favor. (**Contraste**)

Coesão sequencial



- Recorrência de tempo e aspecto verbal

O recanto **era** aprazível. O vento **balançava** suavemente as copas das árvores, os raios do sol **refletiam-se** nas águas do riacho e um perfume de flores **espalhava-se** pela clareira onde **descansavam** os viandantes. (**pretérito imperfeito do indicativo – segundo plano do relato**)

De súbito, **ouveu-se** um grande estrondo e todos se **puseram** de pé, de sobressaltados. (**pretérito perfeito do indicativo – primeiro plano do relato, ação**)

Coesão sequencial na narrativa – 1º. Ensino Médio

O mico de minha amiga

Estava eu e minha amiga voltando da escola quando nós vínhamos de um dia de aula rindo, conversando, falando da vida (...) pela calçada do caminho de casa quando, **do nada** ela tropeçou **e** caiu de joelho **e** ficou me olhando pensando que eu iria ajudar ela a se levantar **e** eu de todo jeito tentando ficar séria pra não rir não consegui segurar a risada eu peguei a bolsa dela **e** saí andando **e** rindo fingindo que eu nem conhecia **ela**, ela ficou me chamado **e** eu fazia de conta que nem era comigo.

- sem uma localização temporal específica.

- único parágrafo formado por um longo período articulado por orações coordenadas (assindéticas e sindéticas), sobretudo com a conjunção/articulador “e” (coesão sequencial).

- um efeito de sequencialidade indistinta das ações narradas, ou seja, os fatos narrados vão se somando uns aos outros de modo quase mecânico.

- O uso de outros articuladores ou ainda de outros recursos estilísticos possibilitaria dar mais expressividade à narrativa, no que diz respeito à dramaticidade como a expressão de surpresa, agilidade, simultaneidade etc.

Base da coerência é continuidade de sentidos entre conhecimentos ativados pelas expressões textuais



A: O telefone!

B: Estou no banho!

A: Certo.

(KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 24)

Coerência é o resultado de processos cognitivos



A continuidade estabelece uma coesão conceitual cognitiva entre os elementos do texto através de processos cognitivos que operam entre os usuários (produtor e receptor) do texto e são não só de tipo lógico, mas também dependem de fatores sócio-culturais diversos e fatores interpessoais (...)(KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 25)

Koch e Travaglia (1992) - a construção da coerência decorre de múltiplos fatores:



1) Elementos linguísticos: “são pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados na memória, constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências, ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto etc.” (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 59)



2) Conhecimento de mundo: conhecimentos armazenados na memória em blocos denominados modelos cognitivos (frames, esquemas, planos, scripts, superestruturas textuais). Os modelos cognitivos são culturalmente determinados e aprendidos através de nossa vivência em dada sociedade. Além deles, há o conhecimento científico, aprendido nos livros e nas escolas.

Exemplo – conhecimento de mundo



Esquema – conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal.

Circuito fechado (Ricardo Ramos)

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforo, Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques. (...)

Scripts – conjunto de conhecimentos sobre modos de agir estereotipados na cultura



Circuito fechado (Ricardo Ramos)

Muito prazer. Por favor, quer ver o meu saldo? Acho que sim. Que bom telefonar, foi ótimo, agora mesmo estava pensando em você. Puro, com gelo. Passe mais tarde, ainda não fiz, não está pronto. Amanhã eu ligo, e digo alguma coisa. Guarde o troco. Penso que sim. Este mês, não fica para o outro. Desculpe, não me lembrei. Veja logo a conta, sim? É pena mas hoje não posso, tenho um jantar. Vinte litros, da comum. Acho que não. Nas próximas férias, vou até lá, de carro. Gosto mais assim, com azul. Bem, obrigada, e você? Feitas as contas, estava errado. Creio que não. Já, pode levar. Ontem aquele calor, hoje chovendo. (...)



3) Conhecimento partilhado: conhecimentos partilhados entre o produtor e o receptor que permitem uma maior ou menor explicitude do texto.

- Visitante acendeu um cigarro e pôs-se a falar nervosamente; a *fumaça* irritava-me os olhos, mas tentei ouvi-lo com paciência. (frame arquivado-rótulo)
- O professor entrou na sala, olhou para os alunos e escreveu no *quadro* um aviso importante.
- (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, P. 64-65)



- Formulação importante da Linguística Textual: nenhum texto é ou poderia ser completamente explícito, nenhum texto traz na sua superfície tudo o que é preciso saber para compreendê-lo (p. 292, 296)

“Quando enfim realizou o sonho de comprar um carro novo, o veterinário Wagner Magalhães Melo teve uma desagradável surpresa. Logo após a compra, Melo notou que o motor estava um pouco estranho (Fernanda Medeiros e Marcos Rogério Lopes, “Carro novo também é motivo de transtornos”, OESP, 18/9/2000)



4) Inferências: operação de estabelecimento de uma relação não-explicita entre dois elementos do texto, com a ajuda do conhecimento de mundo.

EX.

João é brasileiro. Portanto, é quase certo que João fala português.

(Inferência: Considerando que a maioria da população brasileira fala português.)



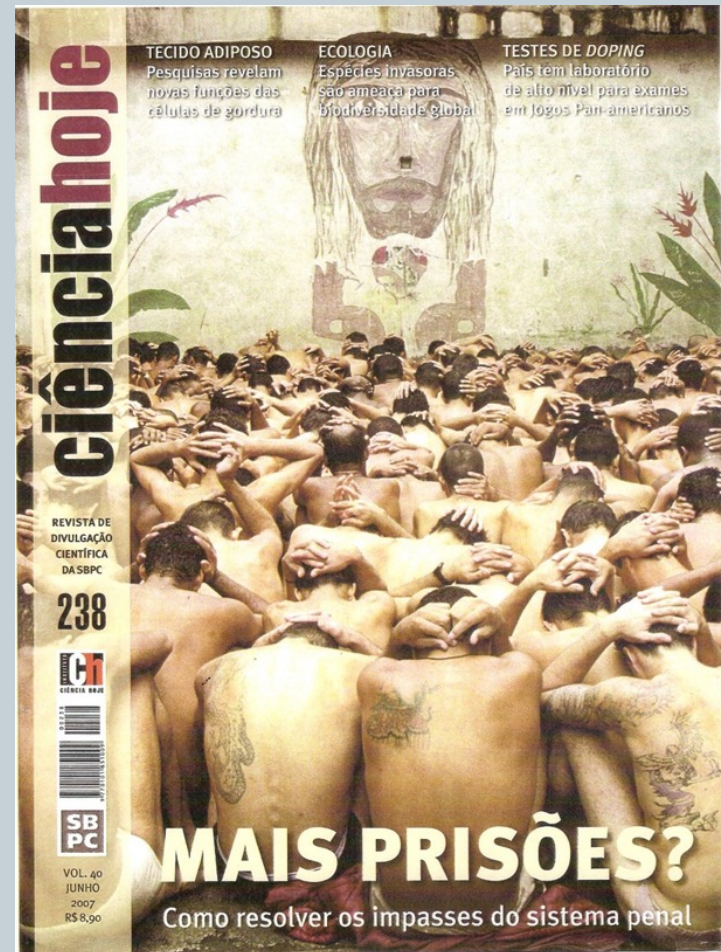
5) Fatores de contextualização: elementos que ancoram o texto em uma situação comunicativa determinada. Podem ser de dois tipos: os contextualizadores propriamente ditos (data, local, assinatura, elementos gráficos etc.) e os prospectivos que avançam expectativas sobre o conteúdo do texto (título, autor, início do texto etc.).



6) Situacionalidade: opera em duas direções:

- a) da situação para o texto – contexto imediato e sócio-político-cultural em que a interação está inserida;
- b) do texto para a situação – reconstrução dos referentes textuais pelo texto.

Ciência Hoje (n. 1 jul./ago. 1982 – nº 238 jun. 2007)





7) Informatividade – grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto. Um texto será tanto menos informativo, quanto mais previsível ou esperada for a informação por ele trazida.

- Oceano é água.
- O oceano é água. Mas ele se compõe, na verdade, de uma solução de gases e sais.
- O oceano não é água. Na verdade, ele é constituído de gases e sais.



8) Focalização – concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual.

A mesma palavra poderá ter sentido diferente, dependendo da focalização.

Traga-me uma vela nova.

- a) O marido para a mulher no momento em que acaba a luz.
- b) O mecânico que está consertando um carro.
- c) O armador que está construindo um barco.



9) Intertextualidade – conhecimento prévio de outros textos necessário ao processamentos cognitivo (produção/recepção). Pode ser de forma ou de conteúdo e esta implícita ou explícita.

"Nem sempre os filhos reproduzem os pais. Camões afirmou que de certo pai só se podia esperar tal filho, e a ciência confirma esta regra poética. Pela minha parte creio na ciência como na poesia, mas há exceções, amigo. Sucede, às vezes, que a natureza faz outra coisa, e nem por isso as plantas deixam de crescer e as estrelas de luzir. O que se deve crer sem erro é que Deus é Deus; e, se alguma rapariga árabe me estiver lendo, ponha-lhe Alá. Todas as línguas vão dar ao Céu. (ASSIS, M. de *Esaú e Jacó*. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 107) (intertextualidade explícita ao citar Camões e retomar provérbio popular)

Intertextualidade implícita



“Zana não se despegava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, “louca para ser livre”, como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade.” (HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 67)

Intertextualidade implícita



“(...) A regra básica da cegueira na qual todos vivemos é que percebemos o “capital econômico”, mas nunca percebemos o “capital cultural”. É que o capital cultural não são apenas os títulos escolares de prestígio que garantem à classe média seus empregos bem pagos e reconhecidos. Capital cultural é também e principalmente toda a herança imaterial e invisível, tanto emocional quanto cognitiva e moral, que recebemos desde tenra idade, sem esforço, no convívio familiar, como a habilidade para o pensamento abstrato, o estímulo à concentração – que falta às classes populares e a condenam ao fracasso escolar -, a capacidade de perceber o futuro como mais importante que o presente, etc. (...)” (Jessé de Souza, OESP, E9, 19/05/2013)



10) Intencionalidade e aceitabilidade – a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. A aceitabilidade constitui a contraparte da intencionalidade, segundo o princípio da cooperação.



11) Consistência e relevância – a consistência exige que todos os enunciados de um texto sejam não contraditórios dentro do mundo representado no texto, já a relevância exige que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

Encerrando



- Koch e Travaglia (1992, p. 81) enfatizam que a coerência não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si, mas sim que ela se constrói na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, em decorrência dos fatores aqui examinados.

Referências



KOCH, I.V. *A coesão textual*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

KOCH, I.V.; TRAVAGLIA, L.C. *A coerência textual*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins fontes, 2004.